



Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista

Latinoamericana

E-ISSN: 1984-6487

mariaglugones@gmail.com

Centro Latino-Americano em Sexualidade
e Direitos Humanos
Brasil

Teixeira Braga, Gibran

“Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo
virtual

Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, núm. 21, diciembre, 2015, pp.

225-261

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
Río de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293343070010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n. 21 - dic. / dez. / dec. 2015 - pp.225-261 / Teixeira, G. / www.sexualidadesaludysociedad.org

“Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual¹

Gibran Teixeira Braga

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGAS
Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença.- NUMAS
São Paulo, Brasil

> gibranteixeira@yahoo.com.br

¹ Boa parte do conteúdo deste artigo foi extraída de minha dissertação de mestrado (Braga, 2013), realizado no PPGSA-UFRJ. A pesquisa foi feita com o apoio da Capes.

Resumo: O artigo trata das representações acerca das práticas homoeróticas masculinas entre usuários de dois ambientes virtuais: as salas de bate-papo do portal UOL e a rede social Manhunt. Pode-se perceber uma tensão entre um modelo baseado na matriz heterossexual, que alinha ativo a masculino e passivo a feminino, e outro que busca afirmar a masculinidade, independente da posição sexual, tentando apagar a marca de afeminação, inclusive daquele que ocupa a posição de passivo no sexo. Porém, entrevistas com alguns dos usuários e experiências pessoais, além de postagens dos próprios participantes em que debatem o mercado homoerótico *on-line*, demonstram como o jogo das classificações é situacional e oscilante: meu argumento é que o trânsito do discurso na rede e na vida “real” não permite que engessemos as categorias; as performatividades que se desenrolam no universo virtual são sempre incompletas e abertas a falhas e deslocamentos.

Palavras-chave: homoerotismo; performatividade; masculinidade; cismogênese; internet.

**“No estoy pidiendo lo que no puedo dar”:
masculinidad simétrica en el homoerotismo virtual**

Resumen: El artículo aborda las representaciones acerca de las prácticas homoeróticas masculinas entre usuarios de dos ambientes virtuales: las salas de conversación del portal UOL y de la red social Manhunt. Es posible percibir una tensión entre un modelo basado en la matriz heterosexual, que alinea activo a masculino y pasivo a femenino, y otro que busca afirmar la masculinidad, independiente de la posición sexual, intentando borrar la marca de afeminação, inclusive de aquel que ocupa la posición de pasivo en el sexo. Sin embargo, entrevistas con algunos de los usuarios y experiencias personales, además de publicaciones de los propios participantes en las que debaten el mercado homoerótico online, demuestran como el juego de las clasificaciones es situacional y oscilante: mi argumento es que el tránsito del discurso en la red y en la vida “real” no permite que enyesemos las categorías; las performatividades que ocurren en el universo virtual son siempre incompletas y abiertas a fallas y desplazamientos.

Palabras-clave: homoerotismo; performatividad; masculinidad; cismogénesis; internet.

**“I’m not asking what I can’t give”:
symmetric masculinity in virtual homoeroticism**

Abstract: The article is about the representations of the male homoerotic practices among users of two virtual environments: the UOL chat rooms and the social network Manhunt. We can perceive a tension between a model based on the heterosexual matrix, that aligns top to male and bottom to female and another that seeks to affirm masculinity, regardless of sexual position, trying to erase the effeminacy of whom holds the bottom position in sex. However, interviews with some of the users and personal experiences, as well as postings of the participants in which they debate the homoerotic online market, demonstrate how the classifications game is situational and oscillating: my point is that speech transit on the network and in “real” life does not allow us to plaster the categories; the performativities unfolding in the virtual world are always incomplete and open to breaks and displacements.

Key-words: homoeroticism; performativity; masculinity; chismogenesis; internet.

“Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual²

O presente artigo trata dos discursos e das representações acerca das práticas homoeróticas de participantes das salas de bate-papo do portal UOL denominadas “Sexo – Gays e Afins – Rio de Janeiro” e do “Manhunt”, rede social que promove encontros entre homens para sexo/relacionamento.³ Pode-se perceber na dinâmica de interação entre os usuários dos sites a coexistência de dois modelos normativos de parceria homoerótica: por um lado, uma perspectiva que se aproxima do modelo heterossexual tradicional, em que os pares passivo/feminino e ativo/masculino são associados e onde, portanto, a masculinidade de um depende da feminização do outro, remetendo ao processo que Gregory Bateson (1958) chama de cismogênese complementar. Por outro lado, desdobramentos dos padrões homoeróticos entre homens nas grandes metrópoles apontam para um deslocamento em que a afirmação de um homoerotismo masculino leva a uma ênfase nos sinais de masculinidade tradicionais, independente da posição sexual. Em meu campo, chamei tal tendência de machonormatividade, na qual ativos e passivos buscam se colar à figura do macho, aproximando-se do conceito de cismogênese simétrica (Bateson, 1958), visto que as masculinidades se retroalimentam.⁴

O interesse por tal campo partiu de minha própria experiência como usuário dos sites, aspecto fundamental que problematizei em minha dissertação de mestrado “‘Não sou nem curto’: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual” (Braga, 2013). Com essa base primária busquei articular a análise do discurso público, através das postagens dos participantes nas salas de bate-papo e em seus perfis do Manhunt.⁵ O momento seguinte foi composto por minha entrada nas sa-

² Boa parte do conteúdo deste artigo foi extraída de minha dissertação de mestrado (Braga, 2013), realizado no PPGSA-UFRJ. A pesquisa foi feita com o apoio da Capes.

³ O Manhunt é uma rede social, cujo objetivo é promover encontros entre homens que buscam relações erótico-afetivas com outros homens. No site, os participantes postam perfis com fotos e informações sobre si e sobre que tipo de contato e parceiros procuram, e trocam mensagens com outros usuários. Lançado em 2001, o Manhunt reúne milhões de usuários em dezenas de países, e atualmente conta com versões para tecnologias móveis, como *smartphones*. Ver: <http://online-buddies.com/products/manhunt/> [Acesso em: 11.11.2015].

⁴ Agradeço ao professor Sérgio Carrara pela sugestão do uso dos conceitos de cismogênese de Bateson.

⁵ Mantive os trechos das postagens em sua grafia original, inclusive com erros de ortografia, já que entendo que a forma com que se escreve é tão importante quanto o conteúdo.

las de bate-papo com o *nickname*⁶ “antropólogo”, em que anunciava a pesquisa e convidava quem quisesse participar. Assim, as conversas reproduzidas no texto, em que minhas falas aparecem entre colchetes, foram todas obtidas a partir de participação voluntária e ciente dos interlocutores na pesquisa. A pesquisa foi realizada durante o ano de 2012.

A costura desses três planos me possibilitou perceber que por mais que as já citadas normas nos saltem aos olhos – seja no discurso público, seja nas conversas – como de costume, não se realizam completamente. É justamente nas falhas, nas lacunas do discurso, das práticas e dos discursos sobre as práticas que vemos se desenrolar a complexa dinâmica dos constrangimentos sociais e da agência no universo pesquisado.

Este universo, chamemos “on-line” ou “virtual”, não é um espaço destacado do mundo “off-line” ou “real”; estas classificações não devem ser pensadas como absolutas, nem formam uma dicotomia. Não são planos radicalmente apartados, mas contextos que se interpenetram e se influenciam mutuamente. A internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção *on-line/off-line* é circunstancial e precária, “real” e “virtual” estão constantemente articulados. A rede é parte do mundo, e não um “mundo à parte”. Assim, precisamos

“desagregar” a internet na profusão de processos, usos e “tecnologias” sociais que ela pode compor em diferentes relações sociais ao invés de considerá-la como um “objeto” único com propriedades inerentes que podem, no máximo, ser expressas de formas variadas em diferentes contextos (Miller & Slater, 2004: 46).

O que a etnografia tem mostrado é justamente esse diálogo tenso e complexo entre os diferentes níveis da experiência. Portanto, escolhi iniciar o texto retratando brevemente uma trajetória dos estudos acerca do imaginário social sobre as práticas homoeróticas, o que ajuda a entender a que quadro se reportam as representações dos sujeitos envolvidos no campo.

Do par bofe/bicha ao igualitarismo unilateral

Como apontam Carrara e Simões (2007), o estudo das sexualidades no Brasil deve muito a Peter Fry e a seu ensaio “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”, no qual apresenta uma trajetória de

⁶ Apelido com que se identificam os usuários.

modelos culturais associados à homossexualidade masculina no país. O debate proposto por esse trabalho de 1982 é pioneiro e atual, visto que aponta para um questionamento das identidades rígidas que, até hoje, ainda luta por espaço na academia e na militância.

Ao fazer trabalho de campo na periferia de Belém, Fry percebeu que as categorias hetero/homossexual não davam conta da realidade encontrada lá, que se organizava segundo outros marcadores. A questão não era para quem se direcionava seu desejo sexual: se para o mesmo sexo ou para o sexo oposto, segundo o modelo moderno que veio se difundindo ao longo do século XX. O que definia a diferença nesse sistema era uma articulação entre papel de gênero e posição sexual, ou “comportamento sexual”, nas palavras do autor: por um lado, temos o “homem”, que apresenta postura e atitude tidas como masculinas e é o penetrador da relação (ativo); por outro, a “bicha”, que apresenta comportamentos tidos como femininos e assume a posição de penetrado (passivo). Para Peter Fry, o papel de gênero se refere “aos traços de personalidade e às expectativas sociais normalmente associadas ao *papel* masculino ou feminino” (Fry, 1982: 90-91; grifo do autor) e o comportamento sexual refere-se à posição no ato, especialmente na penetração: ser penetrado ou penetrar.

O novo modelo, que vinha sendo observado concomitantemente por Carmen Dora Guimarães ([1977] 2004), começa a ser visto nas grandes cidades brasileiras a partir dos anos 60. Nele, as categorias são divididas entre homens e “entendidos”. Assim, aquele indivíduo do sexo masculino que se relaciona com outro do mesmo sexo será sempre “entendido”, independente de seu papel de gênero ou comportamento. E a categoria “homem” fica reservada aos que se relacionam exclusivamente com mulheres.

A construção da imagem do homossexual “contemporâneo” de que Fry e Guimarães nos contam não é um traço cultural e histórico nacional que possa ser isolado de um movimento mais amplo ao redor do globo, principalmente nas chamadas “culturas ocidentais”. Guardadas as especificidades de cada lugar, os movimentos de liberação sexual se intensificam em várias partes do mundo ocidental, inseridos num momento histórico de grande efervescência sociocultural e transformações significativas na ordem social, desencadeadas a partir do pós-guerra,⁷ como bem sintetiza Hall (1992). A luta do movimento gay pelo fim da discriminação e por visibilidade passou (e passa) por um questionamento das imagens que o senso co-

⁷ É claro que as transformações acerca de tais oposições sexuais não deixavam de existir antes da segunda metade do século, mas a partir desse período se avolumam e aceleram. Chauncey (1994), por exemplo, afirma que, na cidade de Nova York, já nos anos 30, o binário homo/hetero passa a superar o par *fairy/normals* – correspondente ao “nossa” bicha-bofe.

mum tendia a associar à figura do homossexual. Parte do processo de instituição da ideia de indivíduos do sexo masculino que se envolviam com outros indivíduos do mesmo sexo incluiu a negação veemente da imagem do invertido, e da confusão entre desejo homossexual e um suposto “terceiro sexo”. Um dos efeitos dessa batalha foi a negação da necessária afeminação⁸ do homossexual masculino:

Compreende-se que, no momento em que a opressão cedia, os militantes homossexuais tenham tentado antes de mais nada redefinir a identidade homossexual, liberando-a da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado e, na pior, uma mulher que não deu certo. Em reação contra essa caricatura, o homem “superviril”, o “machão”, tornou-se o tipo ideal no meio homossexual: cabelos curtos, bigode ou barba, corpo musculoso. E, enquanto o tema da emancipação dos heterossexuais está quase sempre ligado à indiferenciação dos papéis masculinos e femininos, a emancipação homossexual atravessa atualmente uma fase de definição muito estrita de identidade sexual (Pollak, 1984: 68-69).

É curioso perceber que, se a partir dos anos 80 a percepção era de que as barreiras de gênero vinham caindo uma a uma, em velocidade nunca dantes vista, certas representações nos circuitos homoeróticos masculinos contemporâneos reivindicavam sinais clássicos da masculinidade e, não raro, mobilizavam categorias que beiram à misoginia. Como veremos a seguir, nos ambientes virtuais de exercício do homerotismo pesquisados, em que a linguagem escrita ocupa um papel de destaque nas representações, o discurso “afeminofóbico” toma uma forma mais explícita; cópia e caricatura são mais ainda uma só coisa, a imagem do macho refletido se distorce a um ponto que parece exagerado aos olhos de muitos “machos heterossexuais”.

Além dos autores citados, acrescento a contribuição de Michel Misso e seu também fundamental trabalho *O Estigma do Passivo Sexual* (Misso, 1978), no qual analisa as raízes culturais e linguísticas da visão misógina e hierárquica que associa a posição do penetrado – ou, em nossa língua, como em outras, “passivo” – à passividade de uma maneira geral e desqualificadora. Utilizando-se de maneira particular⁹ do conceito de “símbolo de estigma” de Goffman (1978), o autor mapeia como as diferentes acepções do termo estão imbricadas e são parte constitutiva de como

⁸ Na língua portuguesa, tanto “afeminado”/“afeminação” quanto “efeminado”/“efeminação” estão corretos. O uso de cada um dos termos no texto varia de acordo com o autor e o usuário citados. Em minhas palavras, opto por “afeminado” e “afeminação” porque considero a mais utilizada das duas variações.

⁹ Um bom comentário acerca do uso que Misso faz do conceito está no texto de Moutinho (2004), reproduzido pelo próprio autor na segunda edição de seu livro, de 2005.

a sociedade brasileira enxerga o sexo. Um exemplo da extensão do uso do termo, e da consequente desqualificação do “feminino”, é dado pelo interlocutor Marcelo:¹⁰

Sim, (tem) muitos passivos em tudo na vida. Em tudo.

[Como assim?]

A passividade do sexo se estende a outros campos da vida do homem gay também. São mais frágeis, dependentes emocionalmente, sofrem mais violência, é tanto nhemnhem. Não estão nem no universo masculino nem no feminino. Onde estão não sei, sendo bem sincero. Dão pinta demais. Vejo isso até no meio universitário: o cara é pós-doutor, mas por uma rola se abre todo. Não consegue dar as cartas...

Os trabalhos de Fry e Misce são uma excelente fonte teórica para analisar o meu campo, visto que nos sites pesquisados a ligação entre passividade e feminilidade está muito presente, bem como o desprestígio associado a tal papel.

Os enunciados dos perfis e das salas evocam uma autopublicização, em forma de anúncio, que parece replicar uma lógica de mercado, posto que muitos dos participantes, no que falam de si, buscam destacar as qualidades desejadas pela maioria dos colegas de site ou bate-papo que refletem valores difundidos na sociedade em geral, como aponta Eva Illouz (2007) ao pesquisar relações heterossexuais desenvolvidas a partir do universo virtual.¹¹ A linguagem da propaganda emoldura as promessas contidas nos perfis e nos *nicknames*. Observando o material postado pelos internautas, o que se pode perceber é a proliferação do anúncio destacado de algumas características associadas a certa masculinidade clássica, em detrimento de qualquer indício de desvio: no caso, o fantasma que ronda e que deve ser evitado a todo custo é o da “afeminação”.

Por um lado, temos um batalhão de “não sou e nem quero afeminados” – talvez o “mantra” mais repetido nos perfis e diálogos – por outro, abundam os “ma-

¹⁰ Os nomes dos interlocutores são fictícios. Já em relação aos perfis do Manhunt e nas mensagens abertas das salas, usei os apelidos originais por se tratarem de postagens públicas. Além disso, tanto nas salas de bate-papo quanto no Manhunt, é comum o mesmo usuário trocar constantemente de perfil e de apelido.

¹¹ Nas últimas décadas, pesquisas sobre o uso de novas tecnologias de comunicação têm crescido no Brasil e no mundo, acompanhando a própria multiplicação de tais mídias. Além da supracitada Eva Illouz, podemos destacar os trabalhos de Daniel Miller e Don Slater (2004), Carolina Parreiras (2008), Martin Boy (2008), Richard Miskolci (2009, 2013), Sigifredo Leal Guerrero (2011), Mauricio List Reyes (2011), Iara Beleli (2012), Kaciano Barbosa Gadelha (2015) e Felipe Padilha (2015), entre outros.

chos” que, na maioria dos casos, procuram também outros machos. O *nickname* ocupa nos sites, especialmente nas salas de bate-papo, um lugar exacerbado de “autoenunciado performativo”, resgatando o termo que Judith Butler (2002) toma de empréstimo das teorias linguísticas de J.L. Austin, já que nas salas de bate-papo, por exemplo, é o que te identifica de fato: antes de sua imagem, está o seu “nome”. O enunciado performativo é aquele que, quando “dito”, produz e realiza aquilo que é dito. Assim, ao utilizar o *nickname* “MachoPassivo”, por exemplo, não só se está construindo esse macho, como ligando-o a uma posição sexual, que aqui ganha vultos de identidade, numa elaboração que ainda deve cumprir o papel de chamariz, dado o caráter de propaganda da busca erótico/afetiva na internet.

O “ser homem” aqui é altamente valorizado, sendo a categoria “homem” entendida como um atributo que não está dado a todos os seres humanos de sexo biológico masculino. Trata-se de uma reatualização de certa prescrição social altamente difundida em diversos contextos culturais – e cuja pregnância informa de maneira particular aspectos culturais presentes em certas representações de gênero no Brasil – em que “ser homem” é uma conquista verificada através do “jeito” e da “atitude”, para usar outros termos êmicos.

A maioria absoluta de usuários que rejeita a afeminação e exalta a masculinidade demonstra o entranhamento de tais pressupostos na formação dos gostos. O usuário do Manhunt “mlkdavidaloka_rj”, por exemplo, diz na descrição de seu perfil: “Não curto: afetados, kaôzeiros, gordinhos, barbie gay, obcecados por sexo e seres de outro planeta.¹² Eu curto homem com jeito e atitude de homem, não precisa ser lindo mas sendo macho é um começo”. Como ele, centenas de perfis anunciam claramente o que é ou não desejável em um possível parceiro. Dinâmica semelhante parece ocorrer nos clubes de sexo da cidade de São Paulo: “Segundo meus colaboradores, não importa se alguém é ‘masculino’ ou não fora dali: lá dentro todo mundo ‘faz a linha de macho’” (Braz, 2010: 152).

Tal tendência de afirmação da masculinidade e afastamento da afeminação se dá a partir de uma dinâmica sincrônica e paradoxal entre duas lógicas que transcende e subverte as normas: a masculinidade complementar e a masculinidade simétrica, que serão desenvolvidas a seguir.

¹² “Kaôzeiros” significa mentirosos, vem do termo “caô” = mentira, enganação. “Barbie” é um termo êmico utilizado para designar de maneira pejorativa os gays fortes, de corpos malhados. É interessante notar como a busca por um corpo mais masculinizado é ironizada pelos próprios gays, que compararam esse corpo trabalhado com uma boneca. Nas salas de bate-papo nunca vi alguém chamar a si mesmo de Barbie; pode-se imaginar que o caráter feminilizante do termo reforça sua negatividade. Os usuários fortes se definem como malhados, sarados, no máximo bombados, o que já tem um certo desprestígio, por indicar o uso de anabolizantes, configurando-se um corpo artificial, além das suspeitas acerca do efeito prejudicial dos anabolizantes para a ereção.

Masculinidade complementar

A dinâmica dos contatos dos sites se caracteriza fortemente pela manutenção da matriz heterossexual que, na (con)fusão entre gênero e sexualidade, tende a associar a posição sexual passiva à feminilidade e a ativa à masculinidade. A descrição de “tatuado_sarado” ilustra bem esse aspecto: “Sou ativaço convicto. Sendo macho, como de tudo”.

Os depoimentos de alguns usuários das salas de bate-papo são bons exemplos da associação com o modelo heterossexual que orienta a visão acerca das posições sexuais. Ao saber que eu estava fazendo uma pesquisa, a primeira mensagem enviada por Guto (dentista, morador do Leblon, bairro de classe alta da zona sul carioca¹³⁾ dizia:

Cada vez mais difícil encontrar ativos.

[Ah é? Você acha que não tem muitos ativos?]

Maioria de passivos, até os casados estão querendo dar agora.

[Entendi. E isso te incomoda?]

Claro, fica cada vez mais difícil encontrar parceiro.

[Você é só passivo?]

Infelizmente.

[Por que infelizmente?]

Cara, versátil não fica à mercê de aparecer um ativo, pode meter tb.

[E você já tentou ser ativo?]

Já.

[E aí?]

Não gostei. Gosto de fazer papel de fêmea na cama mesmo.

¹³ Infelizmente não consegui saber mais detalhes, pois a conversa foi curta. Não chegamos a utilizar o MSN – ferramenta de mensagens instantâneas através da qual realizei algumas das conversas fora dos sites. Porém, a partir de algumas informações, posso inferir que Guto é um homem de meia-idade.

[Você acha que faz papel de fêmea por ser passivo?]

Claro. Já viu alguma mulher metendo? Então ela é sapatão e o cara viado...

Nessa breve conversa podemos perceber uma série de pressupostos culturais em ação. Em primeiro lugar, sua declaração de “infelizmente” ser só passivo é interessante: se, por um lado, é uma crítica à adesão a uma única posição sexual (que pode ser entendida, por extensão, como uma crítica à matriz heterossexual), por outro, evidencia certo desprestígio da posição de passivo, pois não é comum vermos nesses ambientes virtuais homens se declararem “infelizmente” só ativos. Lembrando um pouco a lógica de gênero, em que à mulher é facultado queixar-se do “ser mulher”, enquanto um homem que se queixe de “ser homem” causaria escândalo, aqui ser só ativo chega a ser motivo para se regozijar; já ser passivo não parece ser orgulho para quase ninguém nesse contexto.

Em seguida, vemos a associação das posições sexuais ao gênero emergir com força, quando Guto cola o papel passivo na fêmea, na mulher. Pareceu-lhe mais provável imaginar uma mulher metendo do que um “homem” sendo metido e, para tanto, criou uma modalidade interessante de uma relação heterossexual entre uma mulher “sapatão” intrometida e um homem “viado” receptivo.

Já Felipe (25 anos, administrador) fez um extenso mapeamento do próprio desejo:

[Tem algum pré-requisito para futuros parceiros?]

Depende do que quer saber: alguém pra transar? Alguém pra namorar?

[Pode responder os dois? Hehee]

Pra transar: parceiro com perfil masculino (pois sou passivo e curto ser o lado dominado na foda). Corpo de normal a parrudo. Curto caras com perfis masculinos. Corpos sarados não são quesitos que me atraem. Pau médio a grande, não curto pau pequeno. E o que me ganha mesmo pra transar é o papo: caras safados me atraem, estilos cafajestes.

Aqui vemos mobilizados vários sinais de masculinidade que endossariam o papel de ativo do parceiro: corpos não magros – a magreza tende a ser vista como menos masculina – pênis grandes, “estilos cafajestes”. Segue Felipe:

AGORA PRA NAMORAR: cara parceiro, cúmplice, educado, que tenha papo. Não precisa ter todo o perfil machão que citei. E que role química. Estranho, né? É que não misturo sexo com sentimento. Claro que se eu achar um namorado que se enquadre nos dois perfis seria perfeito rsrsrssr

[Vc considera que ser passivo é ser o lado dominado?]

Na transa eu gosto. Na sociedade já sou muito dominante: desde criança sou monitor de classe, líder nato, no meu trabalho sou chefe. Em casa tenho a figura muito respeitada e influente. Aê no sexo é quando posso “descansar” de ser o dominante e sou o dominado. É algo para a psicologia explicar.

[Vc acha que para isso (dominar) o cara tem que ser masculino?]

Sim. Não consigo ver a figura dominador num cara feminino. Não me atraí, se o cara tem algo feminino tenho vontade de dominar, ser o ativo. Mas não gosto de comer. Prefiro ser passivo. Por isso busco a figura masculina, mesmo tendo atração por alguns caras um pouco femininos. Mas não conseguia ser passivo com eles... de jeito algum

[Vc já tentou?]

Jah. Não rolou. Fico de pau mole, não tenho tesão, não me sinto bem, não gosto. [...] qdo o cara não tem esse perfil masculino, alguns até me atraem, mas tenho vontade de ser ativo com eles. Apenas vontade, porque na prática não gosto de ser ativo e por isso não saio com eles. Consegue entender? Não tenho preconceito... de forma alguma. É questão de tesão, de escolhas que fiz... mesmo que inconscientes.

A generificação do ato sexual baseada na heterossexualidade “óbvia” do binarismo de gênero, que vê como opostos complementares masculino/ativo – feminino/passivo é constitutiva de boa parte das imagens evocadas nos sites. Em uma de minhas entrevistas, deparei-me com um exemplo curioso desse caso, que contarei agora.

Meu entrevistado Roberto (58 anos, morador do Jardim Botânico, bairro de classe média alta da zona sul, médico) casado com mulher, teve um caso com um fisioterapeuta, de 28 anos, que tinha uma namorada. Foi seu primeiro homem, há quatro anos, e único; começaram a se relacionar a partir de um tratamento feito por ele, depois de um acidente, e o caso terminou quando o jovem se mudou do Rio de Janeiro. Roberto diz que “acabou se apegando” e que acha que o fisioterapeuta também gostava dele. Também acha que sua esposa nem desconfia. Ele entrava nas salas pela terceira vez quando conversamos, procurando alguém que pudesse suprir a falta que o fisioterapeuta lhe fazia. Mostrava-se assustado com a “baixaria” das salas de bate-papo, dizia que queria “se preservar, não se prostituir”. Nesse momento, começou a expor sua história e suas concepções sobre o sexo homossexual, que se mostraram bastante significativas do tipo de associação supracitada:

Algumas talvez (se prostituam). Principalmente pessoas que foram condicionadas a serem só passivas como eu. Gradativamente ele me fazia agir como mulher na intimidade. Referia-se a mim no feminino, gostava que fosse encontrar com ele usando calcinhas. [...] De certa forma sim (ser passivo é agir como mulher), ser penetrado, dominado, mesmo com carinho. Na intimidade, me sentia mulher dele. [...] com homem só consigo ser passivo.

[Como vc sabe?]

Ele me condicionou bem, a nem ficar de pau duro. Com o tempo, consegui. Ele o chamava de grelo.

O discurso de Roberto mobiliza os símbolos de gênero e dá sentido às suas relações sexuais a partir da distribuição de posições e práticas para cada gênero: mulher desempenha certo papel, homem, outro. A própria associação entre penetração e dominação, historicamente atuante, é aqui reafirmada por Roberto. Tal transposição do binarismo chega a ponto da ressignificação total do órgão sexual, que de pênis passa a ser grelo (nome popular para clitóris), em uma espécie de transgenitalização simbólica. Ideia semelhante informam alguns *nicknames* nas salas de bate-papo e no Manhunt, tais como “LekVira Fêmea”¹⁴ ou “Macho Vira Puta” em que “puta” ou “fêmea” indicam sua performance sexual.

A machonormatividade ou masculinidade simétrica

O foco no ato, representado pelo “vira”, nos leva à segunda lógica dos sites, que chamo de machonormatividade: a dicotomia ativo/passivo tende a deixar de ser correspondente a masculino/feminino, em um esforço de concentração da masculinidade nos componentes simbólicos de “jeito”, “atitude”, “voz”, “postura”, atualização de certos valores masculinistas clássicos, passando a incluir não só o sexo entre homens, como a própria posição do passivo, bastando para isso afirmar sua condição de macho, amparada pelos indicadores acima. Assim, “macho passivo” deixa de ser uma impossibilidade através do alinhamento desses dois quadros de referência: o da masculinidade convencional e o da posição sexual dessencializada, por assim dizer. E essa possibilidade se dá através da substituição da dicoto-

¹⁴ “Lek”, “lekão”, “mlk”, “mulek” são variações derivadas do termo “moleque”, “importado” do universo heterossexual masculino jovem do Rio de Janeiro. O termo popularizou-se entre este primeiro recorte a partir do seu uso constante nas letras de canções de funk carioca, muito difundidas na cidade.

mia ativo/passivo como fronteira da “macheza” por uma nova oposição, desta vez entre machos e afeminados.

Através de um componente altamente misógino, busca-se estabelecer o “afeminado” como o outro; a afeminização é um perigo que ronda e do qual tenta se afastar a maioria dos usuários. O título do perfil de “Bbetos”, por exemplo, diz: “Macho e Macho (tenho pavor de efeminados)”. Desenha-se uma modalidade particular de homofobia, que encontra eco na definição do termo cunhada por Daniel Welzer-Lang, para quem a homofobia “pode ser definida como a *discriminação para com as pessoas que mostram, ou a quem se emprestam, certas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero*” (Welzer-Lang, 2004: 118; grifo do autor.)

Aqui vemos como a homofobia está articulada à hierarquia de gênero que dá ao masculino atributos como honra, atitude, seriedade e coragem. Nesse contexto, a pior coisa para um homem é ser rebaixado a “parecer” mulher. A definição de tal “índice de afeminização”, porém, é difícil de apreender. Afinal, o que é um “afeminado”? A um de meus interlocutores, que declarava não querer um parceiro afeminado, indaguei o que ele queria dizer com o termo. Ele me respondeu que seria alguém “exagerado nas manias”, em contraponto a alguém “discreto”. O uso da palavra “mania”, conceito clássico da psiquiatria, sugere uma patologização da afeminização.

Eve Sedgwick (1993) mostra que certos especialistas do saber *psi* tratam de combater a afeminização de meninos desde a infância, preparando-os para uma homossexualidade “saudável”, qual seja, a que preserva intactos o binarismo de gênero e suas fronteiras. Admite-se a homossexualidade, mas tenta-se “prevenir” a confusão de gênero e um possível futuro transgênero. A “afeminofobia” subjaz também às afirmações de boa parte dos usuários dos sites, que buscam se alinhar com o papel de “homens de verdade” e afastar o oposto “bicha”. O usuário do Manhunt “Lover2Play” resume assim tal tendência:

“Curto SER HOMEM, TER BARBA PRA FAZER, SACO PRA COÇAR,
PAU PRA MIJAR DE PÉ, VOZ GROSSA, POSTURA MASCULINA.
Nada no universo feminino me atrai, daê que EFEMINADOS E AFINS
chance ZERO!!!”

A construção de corpos aceitáveis e rejeitados aqui é explícita, bem como a relacionalidade inerente à produção do desejável/indesejável. O atributo indesejável nos ambientes virtuais pesquisados é a afeminização, que carrega os sinais ameaçadores à constituição de uma masculinidade “normal”, “sadia”, a despeito da prática homossexual. A todo custo, na apresentação de si que faz a maior parte dos usuários, enfatiza-se a negação da feminilidade; tal negativa é tão ou mais citada do que a própria afirmação da masculinidade, destacando o caráter relacional das

atribuições de gênero, aqui distribuídas irregularmente por todos os praticantes do homoerotismo – como vemos, nem todos alcançam o atributo de “homem”. O perfil de “machãooo” – que por mais caricato que pareça, não é tão incomum – exemplifica bem a produção das fronteiras da abjeção:

“SOU UM CARA SINCERO E TENHO UMA AMIZADE COLORIDA, QUEREMOS PESSOAS NÃO AFEMINADAS! ELE MORENO 185/85 KG, SARADÃO, PAUZÃO, BUNDÃO E SUPER MACHAOOO COMO EU. SE VC É PINTOSA, MARICONA E SEI LÁ MAIS O QUE... VAZAAAAAAA!!!

RAPAZIADA, ANTES DE ME ESCREVER PERGUNTA PAPAI, MAMÃE E AO VIZINHO SE VOCÊ TEM CARA DE BICHINHA, FALA IGUAL A UM VIADINHO, SE OLHA NO ESPELHO E PRESTA ATENÇÃO SE A SUA CARA É DE VIADO. AÍ DEPOIS ME ESCREVE OK? FUDER É BOM, AMIGOS TB! MAS NÃO ME BROXA CARA POR FAVOR. ENTENDEU???????”

“Pintosas, mariconas e sei lá mais o quê” são os seres que devem ser afastados para a estabilização dos limites de materialização dos “machos”. Machaooo fornece um guia de enunciação da masculinidade que denuncia, involuntariamente, o caráter produzido da reiteração indispensável para a conquista do lugar de sujeito desejável. Ensina ele que devemos nos olhar no espelho em busca dos sinais que nos garantam tal estatuto, além da necessária legitimação do outro. Não se é homem se “papai, mamãe e vizinho” não te enxergam como tal.

Minha inquirição acerca das preferências de meu interlocutor Guto resultou em um bom caso de enunciação da regra do desejo pelo másculo:

[E que tipo de homem você gosta?]

Com jeito de homem.

[E como é isso?]

Não sabe como é um homem?

[Tem vários tipos, não?]

Homem hetero não desmunheca nem fala miando nem rebola.

[Você procura homens hetero?]

Não, mas se aparecer um que queira não vou recusar, falo da forma de ser.

[Acho que entendi. Tem que parecer hetero, é isso?]

Gianechini¹⁵ é gay mas tem jeito de homem, não é nenhum Crodoaldo¹⁶ da vida. Ayrton Senna¹⁷ era gay e com jeito de homem...

De novo, vemos a surpresa de Guto com minha “ignorância” dos papéis de gênero. Para ele, a pergunta “como é um homem?” é uma pergunta circular: “um homem é como um homem”. Um homem, para ser um homem, deve parecer um homem. Seguindo esta divagação metafísica, poderíamos criar uma nova versão da famosa tela de Magritte analisada por Foucault (1998), representando desta vez um “homem”, abaixo do qual escreveríamos “Isto não é um homem”:

Imagen 1: “Isto não é um homem” (Ilustração por Marcio Zamboni)



¹⁵ Reynaldo Gianecchini, famoso ator de televisão, cuja suposta homossexualidade é muito comentada entre homens gays.

¹⁶ Personagem de uma telenovela de sucesso em 2012, que se destacava por sua representação caricata de homem gay extremamente afetado.

¹⁷ Famoso piloto de Fórmula 1, falecido em 1994, de quem também muito se falou sobre uma suposta homossexualidade.

Se ser homem é parecer homem, quem é homem “de verdade”? Em outras palavras, a explicação de Guto ilumina a ideia butleriana da cópia sem original. Homem com jeito de homem é homem com jeito de homem hetero – “homem hetero” como uma categoria única, invariável, definida.

O reforço da participação no “mundo dos machos” se dá através da escolha de *nicks* que remetam a tais características desejáveis. Além do “Lek” e do “Macho”, são comuns os apelidos que sugerem uma “identidade” sexual mais ampla, tais como “Bi”, “Casado” – que, nos *chats* significa casado com mulher, e até “Hetero”, reforçando a tentativa de circunscrição do significado do sexo entre homens a uma prática que não interferiria em sua “normalidade”; ou, como já vi, “Tipo Hetero”, caso curioso de explicitação da referencialidade. Vê-se, ainda, uma profusão de *nicks* “olímpicos”, como “Nadador”, “Lutador” e outros do mundo do esporte (que indicam um corpo desejável para os modelos tradicionais, mas também apontam para todo um “ethos atlético”, de honra e superação); os “combatentes”, como “PM”, “Segurança”, “Militar” e uma classe de patentes bélicas e de poder da força; e até mesmo “Médico”, “Advogado”, “Executivo” e corporativos em geral, posições de poder ligadas ao sistema capitalista e das profissões.¹⁸

A conversa que tive com Mickey (34 anos, morador de Copacabana, gestor de fundo de uma empresa estatal), frequentador das salas desde 1995, ilustra bem a mobilização dessas categorias clássicas da masculinidade:

Eu não curto o cara de boate. Eu gosto de homem com cara de homem, que anda de bike, que faz trilha, sacou? [...] não gosto de homem de boate, gosto de homem do dia, meio largadão, que curte esporte, praia, e que tem cara de homem.

[Como é cara de homem?]

É cara de homem, não cara de viado. Um homem comum, uma coisa “guy next door”.¹⁹

[E como é “cara de boate”, ou “cara de viado”?]

¹⁸ Um amigo, que procura parceiros pela internet contou-me sua estratégia no que se refere à questão da profissão. Estilista, ele diz aos parceiros em potencial que é *designer*, categoria menos maculada pelo espectro da afeminamento. Em seu caso isso é mais urgente, visto que ele se apresenta como ativo, o que o obriga ainda mais a parecer másculo.

¹⁹ Termo usado para designar homens “comuns”: “caras da porta ao lado”. É uma categoria muito utilizada no universo do pornô gay masculino.

Cara de boate são aqueles topetinhos, aquelas blusinhas com decotes enormes.

[E cara de viado?]

Como assim? Já te disse lá em cima. Hehehhe

[Vc disse que cara de homem é não ter cara de viado, mas não disse o que é ter cara de viado. Hehe]

É não falar mole, é não usar roupa de viado, é ter atitude de homem e, principalmente, comportamento e gosto de homem. *Eu tenho isso, não estou cobrando de ninguém o que eu não possa dar.*²⁰

É interessante notar que a fala de Mickey se funda num argumento circular semelhante ao que vimos no discurso de Guto: se, para Guto, “homem é quem tem jeito de homem”, para Mickey, “cara de homem é não ter cara de viado”. Mesmo com minhas perguntas em sequência, a circularidade persiste: quando pergunto o que seria “cara de viado”, a resposta vem na forma do que não é cara de viado. Ressalta-se também o caráter predominantemente mercadológico desses universos virtuais, de transação “justa”: o que ele pede também oferece. Mas, lembrando o que Illouz (2007) mostra em sua pesquisa, sempre se deseja alguém “melhor” do que si mesmo – Mickey afirma que não é bonito, mas só gosta de homens bonitos, por isso tem que “ganhar a galera no papo”. Persisto nas perguntas a fim de compreender o que para ele qualifica alguém como homem:

[Mas o que seria atitude de homem?]

Atitude de homem, coragem, o cara que peita as coisas, força (não significa ser malhado), gostos pessoais.

[E viados não são assim?]

Não. Eu vejo pelos meus amigos: uns são mais outros menos viados. Uma imensa parte deles são frescos e não gostam de coisas que eu gosto. Por exemplo, metade dos meus amigos nem sabe dirigir.

[Não saber dirigir tb é coisa de viado?]

Eu acho, homem tem que dirigir, acho feio homem que não dirige. Homem é poder rsrsrrs

²⁰ Ênfase minha.

[E mulher que não dirige?]

Tem que dirigir tb. Mulher tem que ser independente.

As características elencadas por Mickey estão alinhadas com um quadro de masculinidade convencional, em que se reforça a ideia do homem como desbravador, portador da coragem, da força, enfim, **homem-poder**, como disse o interlocutor. A generificação moralizada chega a esferas inusitadas, como o ato de dirigir ou não que, apesar de ser visto como uma obrigação masculina, também deveria ser seguida pelas mulheres. Restaria saber se, no caso da mulher, a independência de que fala Mickey (ou força, coragem) também seria uma característica masculina, ou se o sexo biológico neutralizaria a associação destas qualidades morais com o gênero.

A generificação dos atributos prossegue. O mito da “pegada”, extremamente difundido no senso comum brasileiro, que seria a habilidade de adotar uma postura assertiva, quase agressiva no encontro sexual, surge na fala de Mickey como um demarcador de gênero, aqui emaranhado com sua tentativa de descolamento da associação passivo/bicha. Mais uma vez, em nome de desnaturalizar a associação gênero/posição sexual, se reafirma a associação gênero/comportamento.

Veja bem, eu sou passivo. Fico puto, tenho mais pegada que 80% dos homens que eu pego. Viu essa parada da atitude do homem?

[Que parada?]

Pegada. Homem tem que ter pegada, seja atv ou pass.[...] tive uma situação curiosa no trabalho, recentemente. Eles sabem que eu sou homossexual. Dei um abraço numa colega de trabalho, depois ela me chamou num canto, me perguntou se eu era bi. Eu te disse que tinha pegada... e ainda sou barbudo... ela disse que se sentiu abraçada fortemente por um homem. [...] eu acho que a diferença está nisso aí. rrsrs E olha que eu sou passivo.

A fala de Mickey indica que, “apesar” de ser passivo, ele mantém uma performance de homem, o que lhe confere capital erótico. Essa imagem de performance adequada é reforçada pela história contada por ele, já que a possibilidade levantada pela colega de que ele também se interessasse por mulheres é uma espécie de “ prova” de desempenho masculino. Assim, o “estilo sexual” valorizado é ainda mais legitimado pela semelhança com uma suposta performance de homem heterossexual.

* * *

Amparados por, entre outros, Fry e seu estudo sobre as categorias bicha/homem e a nova categoria dos homossexuais e entendidos, podemos analisar o de-

poimento de Clóvis, entrevistado por Perlongher que, ao traçar um panorama do universo homoerótico paulistano de fins dos anos 50 aos anos 80, levanta interessantes questões sobre as configurações da pegação²¹ contemporânea na internet:

A transa em geral era de mariconas com machos. Havia uma mentalidade de vanguarda, mais imposta pelo pessoal de teatro, de *gay* transar com *gay*, mas era muito criticada, chamada de “quebra-louça”, muito malvista; dizia-se que era coisa dessas “bichas loucas”, paranoicas, intelectuais, que estava propondo esse modelo de bicha transar bicha. A diferença entre a bicha e o macho era muito mais nítida que agora, falava-se em termos de bicha e bofe, não se usavam muito essas classificações como homossexual, nem ativo/passivo” (Perlongher, 1987: 92-93).

Esta breve descrição é um excelente parâmetro para notarmos o lugar insólito que ocupam os sites de sexo-relacionamento no universo das homossexualidades masculinas. O desenvolvimento do modelo igualitário expandiu a ideia de homens que se relacionam com outros homens, formando um grupo, independente da posição sexual. No modelo anterior, por sua vez, a posição sexual era implícita à “identidade externa”: bofe=ativo, bicha=passivo.

Os conceitos de *cismogênese simétrica* e *cismogênese complementar* de Gregory Bateson (1958) parecem ser úteis para pensar a dinâmica de deslocamentos dos modelos homoeróticos. Ao pesquisar a tribo Iatmul, Bateson percebeu que os *ethos* de homens e mulheres contrastavam visivelmente. Ao invés de atribuir tais diferenças à biologia, como é costume até hoje em certas esferas da ciência e no senso comum, o autor procurou buscar na cultura a produção e a manutenção dos *ethos* divergentes. Sua investigação deu origem ao conceito de *cismogênese*, que o autor define como “*um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos*” (Bateson, 1958: 223; ênfase do autor).

Se percebermos as formas de interação homoerótica como construídas socialmente a partir de processos que transformam modelos e padrões culturais, não é difícil enxergar nelas certos processos de cismogênese. Bateson divide a cismogênese em dois tipos: a *complementar* e a *simétrica*. O primeiro é assim exemplificado pelo autor:

²¹ “Pegação” é um termo ômico que designa contatos erótico/sexuais. Pode ser utilizado especificamente para se referir à “caça”, isto é, à busca, seja na internet ou em espaços físicos, por parceiros para tais contatos, em correspondência com o termo em inglês *cruising*. De alguns anos para cá, extrapolou o universo homossexual masculino e pode ser encontrado em referência a contatos heterossexuais, inclusive em letras de canções populares contemporâneas.

Fica evidente que muitos sistemas de relacionamento, seja entre indivíduos, seja entre grupos de indivíduos, contêm uma tendência para a mudança progressiva. Se, por exemplo, um dos padrões de comportamento cultural, considerado apropriado no indivíduo A, é culturalmente rotulado como padrão assertivo, enquanto de B se espera que responda a isso com o que é culturalmente visto como submissão, é provável que esta submissão encoraje uma nova asserção, e que essa asserção vá requerer ainda mais submissão (Bateson, 1958: 223)

Não é difícil associar tal exemplo aos discursos encontrados nos sites, o termo “submisso” sendo muito utilizado por usuários que se dizem passivos e que procuram por um parceiro ativo “dominador”. Da mesma maneira, muitos “ativões” buscam submissos, “escravos”, entre outros qualificadores, nos parceiros passivos, o que reforçaria a masculinidade dominante dos primeiros, como o parceiro de Roberto, que o “condicionou” a se feminilizar desenvolvendo um “roteiro” (Gagnon, 2006) que viria a ser seguido por ele em próximas empreitadas eróticas. Ou como Felipe, para quem a masculinidade do outro é imprescindível no afã de produzir o efeito dominador que pretende. A complementaridade fica evidente quando afirma que, na presença de traços de feminilidade no parceiro, a equação se inverte: dominação e masculinidade são equivalentes e alimentadas pelo par oposto submissão/feminilidade. Nem toda cismogênese, contudo, segue esse modelo de complementaridade:

Se, por exemplo, encontramos a bazófia como padrão cultural de comportamento em um grupo, e o outro grupo responde a isso com mais bazófia, uma situação competitiva pode se desenvolver, na qual a bazófia leva a mais bazófia, e assim por diante. Esse tipo de mudança progressiva pode ser chamado de cismogênese *simétrica* (Bateson, 1958).

O modelo da machonormatividade opera de maneira similar, visto que a masculinidade é um elemento almejado por todos e requerido independentemente da posição sexual. Nesse quadro de referência, masculinidade gera masculinidade. Dizer, como Lover2Play, que nada no universo feminino os atrai, é dizer “somos tão masculinos que gostamos de tudo masculino”. Assim, estabelece-se uma espécie de corrida pela macheza, já que ser macho é um requisito para ter machos. O mesmo indicador de desejabilidade vale para todos, o que gera a situação em que um macho quase sempre busca um macho mais macho ainda. Não é de se estranhar, então, as queixas acerca de certo “emperramento” dos contatos, já que o duplo papel de eleitor e candidato e a lógica de “melhor escolha” tendem a acirrar a competição.

Hoje, em circuitos frequentados por homens gays, como bares e boates, a posição sexual tende geralmente a ser uma incógnita a se descobrir (ou não) só no encontro carnal, em última instância ou, quando antes, na conversa que precede o contato físico. Já o “bicha transar bicha” (Perlongher, 1987) – no sentido igualitário acontece, mas não sem certa resistência à adesão ao termo, uma vez que a construção da imagem do homossexual da segunda metade do século passa por uma tentativa de apagamento dos sinais de feminilidade, adotando o “gay”, figura que se afasta da imagem da bicha.

Esse modelo, que pode ser chamado de gay-macho, vai se tornando hegemonic na cena gay *mainstream* das grandes cidades, tendo talvez como epicentro original a cena estadunidense dos anos 1970, especialmente em Nova York e San Francisco, história exemplarmente contada por Martin P. Levine (1998).

Levine localiza o que ele chama de “nascimento do gay macho” em fins da década de 1960, a partir da divisão dos ativistas gays entre “liberacionistas” e “reformistas”, que divergiam quanto à visão do “homossexual pós-armário”, figura que surgiria após a explosão da luta por direitos e visibilidade nessa década. Os primeiros pareciam herdar certa ideologia *hippie* e viam esse homem como um ser politizado que recusava a masculinidade tradicional, as convenções e as instituições estabelecidas, misturava masculino e feminino, barbas e vestidos, e evitava o sexo rápido associado ao mercado sexual. Já os segundos apostavam no gay macho portando sinais da masculinidade tradicional, com uma sexualidade desenfreada; o homossexual pós-armário participaria ativamente do mercado sexual em bares, ruas, onde quer que fosse. Este perfil acabou por se tornar mais difundido, já que para muitos gays a imagem *gender fuck* dos liberacionistas, que busca implodir as oposições dos símbolos de gênero, parecia muito radical (Levine, 1998).

Essa imagem anunciava a masculinização da cultura gay. Homens gays agora se consideravam masculinos. Eles adotavam vestuário e comportamento masculinizados como meios de expressar seu novo sentido de si. Eles também adotavam esse visual para realçar sua atratividade sexual e expressar uma reforçada autoestima. Uma vez que a cultura americana desvalorizava a efeminação no homem, eles adotaram comportamento e vestuário viris como meios de expressar uma identidade mais valorizada (Levine, 1998: 28; tradução minha).

Vemos nesse retrospecto histórico um elemento fundamental na formação dos gostos, que nosso senso comum costuma atribuir a questões individuais e arbi-

trárias e, logo, a-históricas. Mas a construção social dos desejos e do desejável é facilmente percebida quando se olha atentamente para os processos que produzem e desenvolvem os universos culturais. Clóvis, por exemplo, nos conta um pouco mais dessa história pelos lados de cá:

Essa mudança de bicha/bofe para *gay-macho* foi bastante radical. Antes, uma grande parte das bichas procurava ser mais mulher para atrair os machos. Hoje, os garotos pensam que para atrair caras não efeminados eles devem ser mais másculos para conseguir pessoas mais máscaras. Então, o *gay-macho* procuraria ser mais machão, não para atrair o pessoal muito bicha, senão para seduzir o mais metido a machão também. Há uma preocupação tão grande dos *gays* por transarem com um parceiro de aparência máscula que se um cara desmunhecar ou se for muito mulher não tem praticamente chance de trepar nesses ambientes *gays* (Perlongher, 1987: 99-100).

A narrativa de Clóvis ilumina, de uma perspectiva “nativa”, o processo de sobreposição da cismogênese simétrica em relação à complementar nos roteiros sociais das práticas homoeróticas urbanas. Essa tendência é expandida enormemente na internet, onde a busca pelo idêntico se alia à expectativa de encontrar alguém sempre melhor que você, característica da busca erótico-afetiva virtual, como vimos no trabalho de Illouz (2007). Porém, nos locais pesquisados, há uma mescla de classificações identitárias – adesões à categoria “homossexual” convivem com “casados”, “heteros”, “bi” etc., em um ambiente em que fluidez, intangibilidade e anonimato permitem que a mesma pessoa se identifique de várias maneiras, de acordo com a situação. Mas, de modo geral, as classificações “oficiais” da homossexualidade são obscurecidas por uma ênfase na posição sexual e no nível de masculinidade, em primeiro lugar, e em recortes como idade, tipo físico etc., em segundo lugar.

Assim, a dicotomia bicha/bofe dá lugar ao par macho/macho e à oposição macho/bicha, par cujo contato erótico é interditado. Aqui não há correspondência automática entre ativo-macho e passivo-bicha, uma vez que ambos quase sempre reivindicam macheza. A linha da macheza então passa a ser, para muitos, o demarcador de entrada ou não no universo do desejo. O binarismo vira uma tríade, em que macho e macho se encontram, e a bicha fica de fora. “Libertos” da indesejável afeminação, os iguais concorrem entre si por outro igual.

Categorias em conflito: discurso e prática, o virtual e “a real”²²

Os ruídos entre o que se diz e o que se vive aparecem nos sites sob a forma do que se diz que se vive, isto é, antes mesmo de entrevistas ou experiências pessoais, as lacunas foram expostas pelos participantes em seus perfis ou nas salas de bate-papo. Os fóruns informais que surgem daí dizem muito sobre como se desenrolam as relações encetadas por lá. “[...] não vou nem colocar que não curto afeminados pq ninguém nunca é afeminado e tu só tem a decepção pessoalmente mesmo”. Este enunciado ironicamente metalinguístico do usuário “samirrj” resume bem o tom das descrições dos perfis do Manhunt. As “falhas” da norma se fazem presentes constantemente no discurso dos próprios participantes. “Rcfzrj” também ironiza: “AQUI NINGUÉM É AFEMINADO, TODO MUNDO É GATO E NINGUÉM FREQUENTA O MEIO... AH TÁ, E EU SOU O PATO DONALD!”.

A categoria meio²³ aparece em disputa: se muitos acreditam nessa ideia do universo virtual como um ambiente “a salvo” do meio, há quem o conteste, como “Ricke_rj”, que pergunta: “Todos se dizem fora do meio, mas estão todos aqui, isso aqui não seria ‘o meio?’”. “Opital19” desloca a própria noção de um lugar ou meio “gay”: “Há quem diga que não frequenta lugares GLS. Bem, este site é um destes lugares, assim como as boates, os parques, os bares, as esquinas etc...”. “Brotherdecopa”, além de afirmar: “Manhunt também é meio GLS.”, ainda desdenha a “heterossexualização” dos usuários ao indicar: “Não aos pseudo-héteros”.

Mas, voltando a Rcfzrj, sua observação das discontinuidades do discurso para “a real” parece reforçar uma lista de características “proibitivas” para seus contatos. Segue ele:

“Se vc é viadinho, afeminado, voz de gato miando, anda igual a uma gaza-la, rebolando, roupas apertadas, cabelo jogado pra cima, colorido, óculos maior q a cara, tatuagens, piercins, brinquinhos, pulseirinhas, cordãozinhos, etc, por favor, não me mandem mensagem!”

Essa espécie de *índex* reúne as coisas que não seriam “de homem”. Tal lista me lembra o caso de um usuário com quem abri minha *webcam* e, após segundos, me perguntou: “Isso na sua orelha é um brinco?”. Respondi que sim, ao que ele replicou: “Desculpe, não curto”, e rapidamente ficou *off-line*. Meses depois nos encontramos novamente em uma sala, eu o adiciono no MSN, abrimos a *webcam* e, dessa

²² “Real” é o termo êmico que designa o encontro efetivo.

²³ O “meio” também foi abordado por Richard Miskolci (2009).

vez, ele pergunta: “Isso no seu braço é uma tatuagem?”. O resto vocês já sabem...

Ainda que não sejam majoritários os casos de detalhamentos tão específicos do que seria o indesejável afeminado, como o de Rcfzrj, ele não está só. “Kriok20”, por exemplo, foca em apenas um ponto: “Se vc rebola ao som de Lady Gaga²⁴ e outras cantoras por aí, definitivamente não é o que eu procuro, passe para o próximo perfil!!!”.

Alguns participantes se dizem “discretos”, característica que a princípio é valorizada nos sites, uma vez que indica o esforço de manutenção de sinais masculinos. Porém, para outros usuários, isso não é o suficiente. Entre algumas reclamações sobre o discreto, destaco o alerta de “SilverBoyRj”: “Cara normal, que curte outro normal pq discreto é viadinho disfarçado de homem”. Normal, então, seria ser “homem” em contraponto a “viadinho”, expressando a já citada machonormatividade. “XXXX”, por sua vez, questiona a categoria “machão”: “Curto HOMEM E NÃO MACHÃO (MACHÃO É O GAY COM MEDO DE DAR PINTA), MATUREDADE, CARÁTER, SABE O QUE QUER”. De maneira similar, a pergunta que fica é: esse homem que ele curte é gay também? Ou gay é só o que tem medo de dar pinta e por isso se afirma machão?

“Putao28rj” odeia muitas coisas. Sua descrição de perfil, intitulada “ODEIO quem não quer sigilo” é quase um poema:

“ODEIO gordos, velhos e extremamente magros!

ODEIO machos “na encolha” que estão sempre com a sobrancelha feita e batem ponto na The Week!²⁵

ODEIO bunda com brotoejas e espinhas!

ODEIO bicha “pão com ovo”!

ODEIO cabeleireiro que diz que é hair stylist!

ODEIO gogo-pit-boys da Farme²⁶ com 0,01% de gordura no corpo e mamilo do tamanho de uma pêra!

²⁴ Cantora estadunidense, famosa por suas roupas e atitude extravagantes e admirada por muitos gays jovens.

²⁵ Famosa boate frequentada pelas chamadas Barbies. Referência na cena gay noturna no Brasil, a The Week nasceu em São Paulo, em 2003, tendo aberto sua filial carioca em 2007. Para saber mais sobre a The Week, ler a etnografia de França (2010).

²⁶ Farme designa o trecho da rua Farme de Amoedo e também a faixa da praia em frente a essa rua, que ficaram famosos por concentrar homens gays e lésbicas. A rua localiza-se em Ipanema, bairro carioca de elite.

ODEIO psicólogos, psiquiatras, comunistas, filósofos, professores de Química e corretores de imóveis!

ODEIO quem me odeia!

ODEIO malhar perna!

ODEIO boy que se acha rico por dividir uma kitnet com mais seis em Copacabana!

ODEIO vc!"

O “manifesto” de Putão28rj tem ares de crítica interna e é ambivalente em relação a aspectos chaves da “cena gay” carioca. Por um lado, odeia os corpos dissonantes, mas também odeia os exageros dos musculosos; odeia bicha “pão com ovo”,²⁷ mas reclama da boate The Week e da Farme. Sua mágoa com o “meio gay” transparece também na defesa do “sigilo” e do “na encolha”.

O caso de “defeitofisicosarado” é ainda mais ambíguo. Em sua descrição de perfil, cujo título é “Másculo? Quem duvidar que me conheça pra ver se dou pinta... ou mancha”.²⁸ O perfil já é intrigante: uma leitura rápida nos faria pensar que se trata de um simples desafio, afirmando sua não afeminização. Mas a própria extensão à simples possibilidade da “mancha” já destoa um pouco do discurso duro da masculinidade: afinal, se a ideia é dizer que não dá pinta, para que dizer “ou mancha”? Essa impressão fica mais clara quando lemos o resto da descrição, cuja íntegra diz:

Um amigo mostrou os ativos que deixam mensagem quando vêem a pica dele. São passivos obrigados a se declarar ativos. Alguns caras querem passivos super másculos, um Fred Flintstone. Pô, querem comer o Alexandre Frota?²⁹ Geralmente isso é falso. Saí com um negão machão. Na hora de pegar o ônibus o despachante fez uma besteira que revoltou os passageiros. O negão se enfureceu, virou uma negona, rodou a baiana, pisou nas trouxas, subiu nas tamancas. Não quero ser leviano ou exagerado, mas acho que ele chegou a sacudir os ombros e por as mãos na cintura. Uma transformação digna de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Se por ser passivo fosse afeminado diria que fiquei hor-ro-ri-za-do!

²⁷ Termo êmico que vincula afeminização à classe baixa, designando gays pobres e afetados.

²⁸ “Mancha” é a pinta exagerada.

²⁹ Ator que ficou célebre nos últimos anos por fazer filmes pornôs e encarnar uma espécie de protótipo do machão brasileiro. Sua ultramacheza é characteristicamente ambígua: já declarou ter transado com travestis, tendo feito filmes pornôs com algumas, inclusive, além de ter posado nu para uma revista voltada ao público gay, num ensaio em que insinuava sexo com outros homens.

Em primeiro lugar, sua observação acerca dos passivos que se dizem ativos não é isolada: já vi outros usuários que falam o mesmo, e como já sabemos que nesse mercado sexual o ativo é o “top de linha”, faz sentido esse *upgrade*. Não por acaso, vez ou outra, aparecem nas salas um “Ativoquerdar” ou coisa do gênero. Defeitofísicosarado reclama da exigência de macheza feita aos passivos e afirma a frequente falsidade de tal situação, mas declara, não sem certa ironia, ser ele mesmo um passivo másculo. Numa espécie de performance invertida, parodia o afeminado, num jogo de “se fosse”. Porém, se pensarmos com Butler, veremos que o “como se fosse” e o “é” podem ser, em última instância, a mesma coisa.

Mesmo com tantas prescrições – e prevenções – os tais afeminados parecem insistir em aparecer, segundo o testemunho de alguns. “Level10”, entre outros usuários, alerta: “Só não curto afeminados e nem adianta mentir que na hora do encontro a gente descobre, né”. A tensão entre expectativa e realidade é constitutiva do universo do chat. Certo grau de previsão da incompatibilidade do discurso com a prática é explicitado por alguns perfis que demonstram uma interessante autorreflexão, como o de “cariocaat”, que diz:

“Não curto gordos, afeminados demais,³⁰ Urso, tbm não curto negão nada contra mas não faz meu tipo...vlw eu não tolero mentiras, se for fake³¹ nem tenta se me add e for fake bloqueio na hora!! Sorry SOU ATIVO, SÓ ATIVO, 100% ATIVO OK

OBS: NÃO LEVE O PERSONAGEM TÃO A SERIO, OK?”

Depois da afirmação exagerada da própria “atividade”, acentuada pelo uso das maiúsculas (recorrente entre os que se dizem 100% ativos), ele parece querer dizer que tal descrição não define quem ele realmente é, trata-se apenas de um artifício de tomada de posição em um ambiente dúbio, em que os contatos são instáveis e vulneráveis. Um caso extremo, beirando o agonístico, é o de “arrombadordeleke”, que declarou:

ESSE PERFIL SERÁ DEFINITIVAMENTE APAGADO DIA 03 DE MARÇO DE 2012

³⁰ O “demais” denota uma relativização poucas vezes vista.

³¹ *Fake* (falso) é o termo usado para designar perfis contendo dados e fotos que não correspondem às características das pessoas que os detêm. Em certas redes sociais, pode ser usado para usuários emitirem opiniões radicais, protegidos pela dificuldade de sua identificação. Carolina Parreiras (2008), ao pesquisar a rede social Orkut, elabora uma cuidadosa reflexão sobre a construção de perfis e o papel dos *fakes*.

Esse é o último profile do “personagem” por mim criado, que no final da história, ficou mais forte que o criador.³²

Além disso, há os que afirmam sua diferença em meio a tantos “caras normais”, “machos” e afins. “Mineiro6654” tem um perfil que diz: “Gosto de fuder uma bunda de homem macho”, mas cujo título desestabiliza tanto o modelo heterossexual quanto a machonormatividade: “Sim sou gay”. Como dito anteriormente, afirmações como esta são raríssimas; neste caso, é ainda mais significativo por ele se definir como ativo, o que lhe legaria o “pódio” da masculinidade, a partir da conjugação das duas normatividades. Para completar, a foto principal do perfil é um close de seu pênis de alegados 22 cm (o falocentrismo aqui é medido em centímetros – pênis enormes são bastante valorizados). A afirmação do “desvio” pode ser ainda mais explícita, como na descrição de “Fellype_olly”: “Sou exatamente do jeito que eu quero ser. Sou pintosa sim”. “Gabriel0612”, por sua vez, declara ironicamente: “Só curto os viadin”.

Essa tensão produzida pelas estratégias de controle de um ambiente que promove vínculos que vêm e vão com a mesma facilidade e rapidez foi observada também pelo pesquisador Martin Boy, da Universidade de Buenos Aires, que entrevistou homens jovens que utilizavam *chats* similares ao nosso naquela cidade. Boy (2008) concebe o *chat* como um âmbito de encontro e desencontro, no qual as expectativas, as negociações e as tensões parecem ser constitutivas dos vínculos que se iniciam na virtualidade. Como em toda sedução, aqui se busca decidir o que mostrar e o que ocultar do outro. Mas, no virtual, na falta do contato corporal, o engano acerca das características físicas que não correspondem aos padrões de beleza desejados pelo pretendente é não só possível, como frequente. Assim, os usuários tentam se assegurar continuamente da veracidade da informação fornecida pelo outro, submetendo o interlocutor a diferentes “filtros”, instâncias verificadoras, como o as fotos, o uso da *webcam* ou o contato telefônico – muitas vezes utilizado para “investigar” uma possível afeminação denunciada pela voz.

Por outro lado, a fragilidade dos contatos e a falta de outro referencial além do visual pode ser uma explicação para o reforço do discurso, para a descrição dos perfis tão minuciosa, detalhada e autoafirmativa, ou seja, as coisas que os participantes dizem de si parecem indicar menos quem eles sejam de fato do que uma espécie de senha que sugere o pertencimento a um universo de valores compartilhados, qual seja, o de homens viris, “de atitude”, “sem viadagem”.

Entre centenas de perfis no Manhunt e participantes dos *chats*, é necessário chamar a atenção para o seu de algum modo. Além disso, uma vez iniciado o

³² De fato, dias depois, seu perfil não existia mais.

contato, ele pode ser desfeito com um simples clique a qualquer sinal de desagrado por uma das partes, sem risco dos constrangimentos que podem surgir na tentativa de encerrar uma conversa real. A grande oferta e a praticidade servem tanto para se conectar quanto para se desconectar. Como afirma Boy (2008), as relações estão em constante risco de rompimento devido à permanente suspeita quanto à sinceridade do outro e às facilidades de se terminar uma conversa sem ter que lançar mão de desculpas.

Porém, alguns dados indicam a situacionalidade da rigidez com que se apresentam alguns usuários. Além das relativizações encontradas nos perfis dos participantes, os encontros que realizei no geral são mais fluidos do que se poderia esperar: homens extremamente sisudos no MSN e na câmera se mostravam mais simpáticos e descontraídos na “real”. As conversas que se davam após o sexo, como as “entrevistas pós-coitais” (Murray, 1996), costumavam ser ainda mais relaxadas e tranquilas. O que muitas vezes se passa no pós-coito corresponde-ria ao que Camilo Braz percebia nos clubes de sexo, onde na área do bar era “permitida” a conversa descompromissada, sem a tensão inerente à caça. Os frequentadores “podem, na área do bar, preocupar-se um pouco menos em ‘não dar pinta’ – ou em ‘fazer a linha’” (Braz, 2010: 168). Ou, como descreve o usuá-rio do Manhunt “MANERO7”: “TODOS AKI SÃO MACHOS, MAS SÓ ATÉ A PÁGINA 2!!!”.

Masculinidade e práticas homoeróticas: entre reprodução e deslocamento

Os meios virtuais que promovem interação erótica entre homens se estabele-cem como ambientes onde se busca equilibrar um afastamento do *status* da homos-sexualidade “oficial”, que vem se estabelecendo no imaginário do senso comum a partir do último século ao mesmo tempo em que são afirmados certos valores masculinizantes reforçados no próprio bojo da institucionalização do homossexu-al moderno pós-68.

Através da ênfase nos atributos de homem “normal”, o recado dado por es-ses participantes parece ser este: fazer sexo com homens não os “atinge”, não há mácula da masculinidade. Porém, o velho paradoxo da “natureza” que precisa do discurso para se afirmar se reinstaura, uma vez que a macheza desses usuários, que se pretende óbvia – como prescreve certo *ethos* masculinista mais geral, de imposibilidade de contestação e dúvida – é condicionada por uma enunciação constantemente repisada. Faz sentido então alguns usuários dizerem: “prezo muito por minha masculinidade”.

Porém, o zelo e a repetição dos preceitos masculinistas não implica uma re-

plicação perfeita, completa, idêntica. Judith Butler (2003b) nos lembra que tal reprodução justamente explicita o caráter construído da heterossexualidade “natural”. Assim, o gay seria não a cópia de um original hetero, mas cópia do que já é uma cópia. Esta ideia é fundamental para que entendamos que aquilo que se passa nesses sites demonstra as lacunas no processo de construção das supostas identidades: se o caráter absoluto e natural da heterossexualidade vem sendo contestado, tampouco podemos perder de vista o processo de constituição de um modelo de homossexualidade, que se forma em uma relação-espelho com a heterossexualidade, insistindo em um viés naturalizador que termina por reintroduzir as próprias categorias dicotomizantes das quais buscou se afastar. A questão que se levanta e que provavelmente seguirá sem resposta é a de pensar em que medida o mundo criado por essas pessoas, com suas repetições e rearticulações, pode também constituir uma ocasião para reelaborar de maneira crítica as normas constitutivas de gênero (Butler, 2002). Em suas palavras,

Como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu *status* fundamentalmente fantástico (Butler, 2003a: 211; grifo da autora)

O macho hiperbólico e a afeminação fantasmagórica são constitutivos desse universo simbólico, como o são o heterossexismo, o falocentrismo e a misoginia. Em um e em outro âmbito, mobilizam-se quadros de referência tradicionais e componentes inovadores que, no processo de rematerialização, estão sempre se ressignificando.

Assim, seriam esses “supermachos” uma variação diagonal do *drag* de Butler (2002)? A autora enfatiza que o *drag* (ou travestismo) não é diferente de qualquer gênero, posto que a “imitação” está no próprio núcleo do projeto heterossexual e do binarismo de gênero. Logo, o *drag* não seria uma imitação secundária que supõe um gênero anterior e original: a heterossexualidade hegemônica já é um esforço constante e repetido de imitar suas próprias idealizações. A performatividade heterossexual é refém de uma ansiedade insuperável – as idealizações nunca se completam – e é “continuamente assediada por esse domínio de possibilidade sexual que deve ficar excluído para que se possa produzir o gênero heterossexualizado” (Butler, 2003a: 184-185; tradução nossa.) No universo dos machos da internet, o domínio excluído é o da afeminação, combatida a todo custo para que se possa afirmar a possibilidade de um mundo de sexo entre machos. Homens

cisgêneros³³ “superam” o risco de perda da masculinidade através não mais de uma heterossexualidade melancólica que em sua normatividade proscreve desde o princípio o vínculo homossexual, mas de uma homossexualidade melancólica que rejeita a identificação com o sexo oposto, sob a imagem fantasmagórica da afeminização. Reafirma-se o que supostamente vinha embutido biologicamente, em um retorno triunfal ao pódio da masculinidade imaculada pela prática homoerótica.

O devir macho pressupõe essa performance disfarçada de natureza, a formação dos corpos – e das histórias – desejáveis passa por uma valorização do masculino, do forte, do firme e assertivo, em um rearranjo que disputa espaço com um binarismo transferido que insiste em feminilizar a “passividade”. Instaura-se uma espécie de igualitarismo unilateral, já que nessa relação entre iguais participam os machos, legando ao afeminado, à “bicha”, ao “viado” o lugar do indesejável.

Considerações finais

Neste jogo de homoerotismo masculino no universo virtual, resta saber: 1. quanto há de autoconsciência e pastiche na construção dos personagens, que de mais a mais, tomando de empréstimo a ideia da “cópia sem original” de Butler (2003b), seriam elaborados por outros personagens, num jogo infinito de criação sem criador; 2. se conseguimos vislumbrar aqui as tais “novas possibilidades de gênero que contestem os códigos rígidos dos binarismos hierárquicos”, já que “é somente *no interior* das práticas de significação repetitiva que se torna possível a subversão da identidade” (Butler, 2003b: 209; ênfase da autora.) Podemos de fato enxergar um alargamento das categorias, uma vez que tais homens tradicionalmente não poderiam ser “homens de verdade”, e aqui desfilam toda a sua macheza, mais “de verdade” do que a dos machos “originais”. Afora isso, o jogo semiconsciente entre o discurso, os enunciados e uma “real” que sempre os desloca talvez seja o que há de mais subversivo nesse universo.

Ainda assim, permanece pungente o questionamento de Nestor Perlongher:

³³ “Cisgênero” é um termo que designa as pessoas em que o sexo de nascimento corresponde ao gênero reconhecido socialmente. Foi tomado de empréstimo da química, que opõe moléculas “cis” a moléculas “trans”, as primeiras sendo aquelas nas quais os isômeros se encontram do mesmo lado do eixo, alinhados, e as segundas as que apresentam os isômeros em lados opostos. O surgiemento deste termo é relevante politicamente, porque desestabiliza a ideia de que pessoas trans existem em oposição a pessoas “normais” ou “biológicas”, questionando o alinhamento binarista entre sexo e gênero. Há ainda pouco material científico sobre as origens e os usos do termo, porém abundam discussões na mídia e na militância acerca de seu crescente uso. Ver mais em “This is what cisgender means”. Disponível em: <http://time.com/3636430/cisgender-definition/> [Acesso em: 11.11.2015], e no manual elaborado por Jaqueline Gomes de Jesus (2012).

Se na lógica do sistema “hierárquico” a submissão da “bicha” perante o bofe era manifesta e aberta, no novo sistema, *que se ufana de “igualitário”*, essa submissão é formalmente criticada.³⁴ Porém, ela não parece implicar uma “defenestração revolucionária” do macho. Embora os extremos “caricatos” da macheza sejam desestimulados, não se trataria, na verdade, de uma espécie de interiorização do protótipo masculino? Isto é: já não se procuraria submeter-se perante o machão, mas “produzir” em si mesmo certo modelo *gay* que passaria, entre outras coisas, por uma recusa de bichice e uma defesa – ainda que retórica – de certa pretensão de masculinidade (Perlóngher, 1987: 101-2; ênfase nossa).

No caso do mercado homoerótico virtual, os extremos caricatos não só não são desestimulados, como são altamente valorizados. As breves experiências que realizei com diversos tipos de *nicknames* o demonstraram cabalmente: entrei em uma das salas de bate-papo com o exagerado “MACHÃOATIVÃO” – com todas as hipérboles assertivas possíveis – e, em menos de um minuto, seis participantes já haviam me enviado mensagens, interesse que prosseguiu enquanto estive na sala. Lá, nada parece exagero ou caricatura, ou melhor, o exagero e a caricatura não são malvistos, mas indicam uma proximidade com o ideal apreciado. Por essa via também, quem se dirige a um hipotético usuário “PAUZÃO23CM”, não espera tanto que sejam realmente 23 centímetros, mas que seja sim um pênis de tamanho acima da média.

Semelhante dinâmica se encontra na história que nos conta Martin P. Levine, sobre o “clone”, que o autor define como uma constelação específica de padrões afetivos, sociossexuais e de comportamento que emergiu entre certos homens gays dos centros urbanos estadunidenses nos anos 70, de sexualidade exacerbada combinada com uma hipermasculinização inspirada nos símbolos clássicos da masculinidade nos EUA (Levine, 1998). Segundo ele, é relevante o caráter de duplicidade do estilo clone – suas autoconscientes, quase parodísticas referências à masculinidade estereotipicamente tradicional, e o fato de que, ao mesmo tempo, também de forma autoconsciente, adotem esses mesmos estereótipos. “O estilo clone era tanto paródia quanto emulação” (Levine, 1998: 59; tradução minha.)

Pollak, por sua vez, faz sua aposta nos caminhos do “meio homossexual”:

Esta evolução do meio homossexual na direção de um estilo que acentua a virilidade é muitas vezes acusada de ser sexista e leva a marginalizar aqueles homossexuais que não se submetem a essa nova definição da identidade homossexual. Mesmo reconhecendo esses fenômenos de exclusão, é preciso ressaltar que a busca de uma tal identidade muito rígida surge

³⁴ Essa submissão reaparece em alguns dos perfis e das conversas nas salas, agora através de uma ótica de fantasia e *role-playing*.

num momento em que, pela primeira vez, se oferece a oportunidade aos homossexuais de construírem sua própria imagem social, e de ressaltarem sua masculinidade, mais do que suas características femininas. Caso em um futuro próximo a sociedade se tornasse mais tolerante para com a homossexualidade, poderíamos esperar um abrandamento dessa necessidade de construir uma imagem “machista” (Pollak, 1984: 69).

Bem, tomando como referência os ambientes virtuais contemporâneos – que a julgar pelo depoimento dos usuários mais antigos passou por um recrudescimento da afirmação da masculinidade e de uma assertividade generalizada que beira, e muitas vezes alcança, a agressividade, tal abrandamento não veio com tanta força. No entanto, não é difícil perceber que isso está ligado ao processo de intensificação do caráter mercadológico dos sites, visto que, como um ambiente de “concorrência”, sua dinâmica provoca certa homogeneização a partir da afirmação reiterada dos padrões de desejabilidade.

Também é necessário repetir que segue em aberto falar de um “meio gay” pois, como vimos, tal categoria não dá conta da variedade de modalidades de interação erótica entre homens. Há ainda a especificidade de tais ambientes em que a “construção da imagem machista” toma ares de enunciado, ao contrário do “mundo off-line”, onde há espaço para mais ambiguidade e negociação.

Dito isto, porém, pode-se sim afirmar que subsiste certa misoginia orientando alguns universos de representação “homo”. Como disseram vários usuários, é aquilo que todo mundo faz um pouco, mas nega. Uma relação quase paranoica se desenvolve no jogo dos sinais de diferenciação e apego a valores heterossexistas e masculinistas, bem como a certas características tradicionalmente associadas à cena gay, como a excentricidade, a exuberância e a apropriação de atributos tidos como femininos.

Um gigantesco evento histórico deve ser lembrado também nesse panorama: enquanto Pollak escreve, a epidemia de HIV/AIDS começa a tomar conta da cena, com consequências avassaladoras então impensáveis. Trabalhos posteriores analisam o impacto da epidemia sobre uma geração particular de homens gays: Marcio Zamboni (2015), recorrendo a um termo cunhado por Veena Das (1999), refere-se ao evento como uma “ruptura brutal” nas formas de vida de uma geração de homossexuais – afetando não apenas aqueles que contraíram o vírus mas também toda a dinâmica das redes de relações, envolvendo assim amantes, família, amigos/as. Como indicam, entre outros, Carrara e Simões (2007), a epidemia teve um efeito inesperado de fortalecimento do movimento por visibilidade gay. Alguns trabalhos argumentam que, no bojo desse verdadeiro levante, privilegiou-se ainda mais certa imagem de homossexual em detrimento de outras, bem como um afastamento de alguns LGBTs, tais como os/as transexuais, travestis e lésbicas.

Judith Butler (2003a) liga a ênfase na luta pelo direito ao casamento homoafetivo a uma tentativa de se afastar da imagem de promiscuidade comumente associada aos homens gays, no que seria uma espécie de “resposta envergonhada” à AIDS. Richard Miskolci (2013), que pesquisou ambientes similares aos aqui trabalhados, na internet e em aplicativos de celular, também encontrou o espectro do HIV/AIDS refletido em certas representações contemporâneas acerca das práticas homoeróticas masculinas.

Uma frase bem difundida no Brasil diz, irônica e significativamente: “sou pobre, mas sou limpinho”. Pois bem, troque-se pobre por gay e temos uma síntese de tal dinâmica. Enquanto os movimentos por direitos e antidiscriminação LGBT chamam a atenção para a presença de gays em vários campos da sociedade, gays assumidos tomam postos no mercado de trabalho mais amplo para além do círculo arte-estética-cuidado, tradicionalmente áreas com muita afluência de gays. Além disso, a visibilidade estimula quem já estava nessas outras posições a assumir suas preferências. Tal movimento se repete em diversas áreas da vida social, como consumo, política, escola, e até nas igrejas.

Daí que agora “podemos” dizer “sou gay, mas sou advogado”, “sou gay, mas pago impostos”, “sou gay, mas quero formar uma família”, em suma, “sou gay, mas sou um homem como outro qualquer”.³⁵ E como nos ensinou, entre outros/as, Judith Butler, ser homem não é automático. Logo, a necessidade de aderir a preceitos do binarismo de gênero e, consequentemente, da masculinidade oficial encaminha muitos homens que se relacionam com homens a “vestir a roupa” do homem-macho.

Não pretendo aqui apontar quais modelos são melhores ou piores, nem alardear uma suposta totalidade dessa lógica de “purificação” da imagem do homem gay. Mas podemos pensar, invertendo a proposição de Pollak, que talvez a sociedade tenha se tornado (um pouco e aos poucos) mais tolerante justamente porque a imagem de homem gay vem se descolando de uma aura de marginalidade e contracultura e se tornando mais adequada às prescrições de indivíduo responsável, integrado ao projeto de sociedade de fins do século XX.

Três anos após a pesquisa, porém, pode-se perceber que a crítica ao modelo “afeminofóbico” tem crescido bastante. Em 2012, não encontrei nos *chats* e no Manhunt nenhuma manifestação explícita contrária ao discurso predominante que descrevi acima. Os aplicativos para celular com funções semelhantes às plataformas pesquisadas têm se multiplicado nos últimos anos; eles parecem alcançar

³⁵ Expressão que dá título à dissertação de Moisés Lopes (2010), cuja pesquisa aponta também este movimento.

um público mais abrangente e mais jovem. Um contradiscorso que rejeita a “afeminofobia” tem se replicado pela rede, tanto nos próprios perfis dos usuários quanto em textos de blogs. Há ainda espaços dedicados a combater a desvalorização de afeminados, como a página do Facebook “Sou/curto Afeminado”, criada em 2014, cujo título inverte a máxima dos sites e dos aplicativos.³⁶

Desta forma, a história não acabou: nos últimos anos, amplos debates acerca das sexualidades divergentes e dos direitos sexuais tomaram de vez a pauta internacional, incluindo não apenas homens e mulheres gays, mas também trans, intersexuais, bissexuais, num leque enorme de variações de formas de vida. E entre homens que se desejam obviamente há muito mais do que os estereótipos de meninos que dançam Lady Gaga ou machos empedernidos. O que essa pesquisa mostra é que, mesmo onde a norma se afirma com mais virulência (e talvez justamente por isso), o trânsito continua: a trajetória das pessoas não cabe em uma descrição de perfil.

Recebido: 25/12/2014

Aceito para publicação: 09/11/2015

³⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/SouCurto-Afeminado-1489496857938694/?fref=ts>, [Acesso em: 16.11.2015].

Referências bibliográficas

- BATESON, Gregory. 2008 [1958]. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp.
- BELELI, Iara. 2012. “Amores online”. In: PELÚCIO, Larissa et alli (orgs.). *Gênero, sexualidade e mídia: olhares plurais para o cotidiano*. Marília: Cultura Acadêmica Editora. p. 56-73.
- BOY, Martín. 2008. “Significaciones y usos del espacio virtual en hombres gays de Buenos Aires”. In: PECHENY, M.; FIGARI, C. & JONES, D. (comps.). *Todo sexo es político – Estudios sobre sexualidades en Argentina*. Buenos Aires: Libros Del Zorzal.
- BRAGA, Gibran. T. 2013. “*Não sou nem curto*”: Prazer e conflito no universo do homerotismo virtual. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BRAZ, Camilo A. de. 2010. *À Meia-Luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Tese de Doutorado, Unicamp.
- BUTLER, Judith. 2002. *Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós.
- _____. 2003a. “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”. *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp*, nº 21, p. 219-260.
- _____. 2003b. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio. 2007. “Sexualidade, cultura e política: A trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. *Cadernos Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp*, nº 28, p. 65-99.
- CHAUNCEY, George. 1994. *Gay New York*. Nova York: Basic Books.
- DAS, Veena. 1999. “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: Alguns temas wittgensteinianos”. RBCS, São Paulo. Vol. 14, nº 40.
- FRANÇA, Isadora L. 2010. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares. Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp.
- FOUCAULT, Michel. 1988. *História da sexualidade vol.1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. 1998. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- FRY, P. 1982. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: _____. *Pra inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GADELHA, Kaciano Barbosa. 2015. “Para além da ‘pegação’: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais online”. *Áskesis*. Vol. 4, nº1, p.55 -73.
- GAGNON, John H. 2006. *Uma interpretação do desejo: Ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

- GOFFMAN, Erving. 1988 [1963]. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- GUERRERO, Sigifredo L. 2011. *La pampa y el chat: Aphrodisia, imagen e identidad entre hombres de Buenos Aires que se buscan y encuentran mediante internet*. Buenos Aires: Antropofagia.
- GUIMARÃES, Carmen D. 2004. *O Homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- HALL, Stuart. 1992. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- HALPERIN, David M. 1990. *One hundred years of homosexuality: And other essays on greek love*. Londres e Nova York: Routledge.
- ILLOUZ, Eva. 2007. *Intimidades congeladas: Las emociones en el capitalismo*. Buenos Aires: Katz Editores.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. 2012. “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”. Brasília. Disponível em: https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAC3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. [Acesso em: 11.11.2015].
- LEVINE, Martin P. 1998. *Gay macho: The life and death of the homosexual clone*. Nova York e Londres: New York University Press.
- LOPES, Moisés. 2010. “Homens como outros quaisquer”. *Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina*. Tese de Doutorado, UnB.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. 2004. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre. Ano 10, nº 21, p. 41-65.
- MISKOLCI, Richard. 2009. “O Armário ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”. *Revista Gênero* (UFF). Vol. 9, nº 2, p.171-190.
- _____. 2013. “Networks of desire: The specter of aids and the use of digital media in the quest for secret same-sex relations in São Paulo”. *Vibrant*. Vol. 10, nº 1.
- MISSE, Michel. 1978. *O Estigma do passivo sexual*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- MOUTINHO, Laura. 2004. *Razão, “cor” e desejo: Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e África do Sul*. São Paulo: Editora da Unesp.
- MURRAY, Stephen O. 1996. “Male homosexuality in Guatemala: Possible insights and certain confusions from sleeping with the natives”. In: LEWIN, E. & LEAP, W.L. (eds.). *Out in the field: Reflections of lesbian and gay anthropologists*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press.
- PADILHA, Felipe. 2015. *O segredo é a alma do negócio: Mídias digitais móveis e a gestão da identidade homossexual masculina na região de São Carlos*. Dissertação de Mestrado, UFSCar.
- PARREIRAS, Carolina. 2008. *Sexualidades no ponto.com: Espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de Mestrado, Unicamp

- PERLONGHER, Nestor. 2008 [1987]. *O Negócio do michê – A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo.
- POLLAK, Michel. 1986 [1984]. “A Homossexualidade masculina, ou: A felicidade do gueto?”. In: ARIÈS, P. & BÉJIN, A. *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- REYES, Mauricio L. 2011. “El internet, un espacio para la afectividad gay?”. In: ___ (coord.). *Lo social de lo sexual: Algunos textos sobre sexualidad e desarrollo*. México, D.F.: Ediciones Eón. p. 123-136.
- SEDGWICK, Eve K. 1993. “How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys”. In: ___. *Tendencies*. Durham: Duke University Press.
- WELZER-LANG, Daniel. 2004. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo”. In: SCHPUN, M.R. (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- ZAMBONI, Marcio. 2015. “Aids, longa duração e o trabalho do tempo: narrativas de homens que vivem com HIV há mais de 20 anos”. *Política & Trabalho*, nº 42, p. 69-90.